

## Beco sem saída: a impossibilidade da dupla analítica

*Maria Célia Crepschi Coimbra\**

### Resumo

Este texto se propõe a levantar questões a respeito da violência na família e da possibilidade da formação da dupla analítica. No caso da formação da dupla analítica, discutir a (im) possibilidade de realização de um trabalho clínico, posto que não existem perspectivas de mudanças, e tanto a paciente quanto a terapeuta podem correr riscos de vida. Conclui deixando em aberto as questões abordadas com o intuito de abrir um debate para discussão de alternativas diante de tais problemas tão comuns na sociedade atual.

*Descritores:* psicoterapia psicanalítica; violência em situações interpessoais; transferência psicoterapêutica.

### Dead-end: when there was no possibility of analytic pair

### Abstract

The objective of this paper is to discuss issues regarding violence in the family and psychoanalytical dead-end, when there is no possibility of analytical pair development. In the case of formation of the analytical pair, to comment dead-ends in the process of clinical work, since that there was no perspective of changes, and patient and therapist could be near-death. The author concludes with open-minded issues, to find out some alternative to common problems of modern society.

*Index-terms:* - psychoanalytic psychotherapy; violence in interpersonal situations; psychotherapeutic transference.

### Allée sans sortie: l'impossibilité de la paire analytique

### Résumé

Ce texte se propose à soulever des questions concernant la violence dans la famille et de la possibilité de la formation d'une paire analytique. Dans le cas de la formation de la paire analytique, discuter la (im) possibilité de réalisation d'un travail clinique, en posant qu'il n'existe pas de perspectives de changements, et aussi bien la patiente et le thérapeute peuvent courir des risques vitaux. Il conclut en laissant en suspens les questions abordées avec l'intention d'ouvrir un débat pour la discussion d'alternatives devant de tels problèmes si communs dans la société actuelle.

*Mots-clés:* psychothérapie psychanalytique ; violence dans situations interpersonnelles ; transfert psychothérapeutique.

### Un hueco sin salida: la imposibilidad del par analítico

### Resumen

Este texto se propone levantar preguntas relacionadas con la violencia en la familia y de la posibilidad de formación de un par analítico. En el caso de la formación del par analítico, discutir la (im) posibilidad de realización de un trabajo clínico, puesto que no existen perspectivas de cambios, y tanto el paciente como el terapeuta pueden correr riesgos de vida. Concluye dejando en abierto las preguntas discutidas con la intención de abrir una nueva discusión de alternativas para tales problemas tan comunes en la sociedad actual.

*Descriptores:* psicoterapia psicoanalítica; violencia en situaciones interpersonales; transferencia psicoterapêutica.

---

\* Doutora e Mestre em Antropologia Social; Membro da Associação de Psicoterapia Psicanalítica; Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pelo CEPIS, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Endereço para correspondência sobre este artigo: mceliaccoimbra@uol.com.br

Início este texto, com trechos da narrativa de Mônica (31anos), com intuito de transmitir a angústia presente em sua fala durante nossos encontros. Foram somente quatro semanas, mas, tão intensas, que resolvi partilhar esse contato e colocar em discussão a questão da violência doméstica e social. Principalmente discutir a possibilidade de ajuda a esse tipo de demanda sem nos colocarmos em risco.

Mônica era alta, loira, encorpada, tinha olhos azuis como um céu de primavera. Vestia um vestido solto estampado, tinha os cabelos pouco cuidados, no semblante trazia a impressão de maltrato. Falava com voz suave, mas muito angustiada. Estava casada há 13 anos e tinha três filhos.

“Se ficar o bicho come, se correr o bicho pega” assim me sinto! Num beco sem saída, com três filhos para criar.

Tornei-me o que sou hoje aos 18 anos, em um verão quente e ensolarado. Lembro-me do momento exato em que isso aconteceu, quando fiquei grávida. Senti muito medo! Isso foi há muito tempo, mas parece que o passado não pode ser enterrado. Olhando para meu passado percebo que passei os últimos 13 anos de minha vida correndo do beco em que me encontro, sem conseguir sair dele. Se pudesse abandonaria tudo e recomeçaria, somente eu e meus filhos.

Mônica narrava sua vida como se me conhecesse há muito tempo. Parecia que a questão central era o luto pelo pai, narrativa que vem a seguir, mas as histórias de sua vida andavam entremeadas como romances de lã. Assim era seu mundo interno e seus relacionamentos objetivos.

Estou sofrendo muito pela morte de meu pai, disse Mônica. Foi de maneira inesperada. Há um ano. Acho que morreu de tristeza pela vida que levo! Sou filha única. Meus pais imigraram da Europa para o Brasil quando eu tinha alguns meses de idade.

Ao saber da morte repentina de meu pai – um infarto –, fiquei imóvel.

O sino da igreja batia sua primeira pancada que ressoava em meu coração. Na realidade, não era o sino da igreja, mas o relógio da sala de jantar. Precisava trocar-me de pressa, mas parecia que me faltam peças do vestuário. Assaltavam-me dúvidas. Estaria na sala de casa ou teria chegado ao velório? Não tinha consciência dos movimentos, sentia-me leve. Ignoro quanto tempo fiquei assim. Provavelmente, alguns minutos que pareceram uma eternidade. Estava claro que todo meu desarranjo era interior.

Sei que você não deve estar entendendo nada. Mas, preciso falar. Preciso contar minha história para você. Meu pai morreu de tristeza pela vida que levo com meu marido. Ele é um louco! Gostaria que você me confirmasse isso! Minha mãe é ausente, e sem iniciativa. Com a morte de meu pai fiquei sozinha.

Mônica sentia-se desamparada pela morte do pai. Seu maior apoio. Quanto ao marido depositava em mim a responsabilidade de afirmar se era ou não louco. (Penso que no íntimo tinha a questão: Sou louca ou convivo com um louco?)

Durante sua fala, percebi que ela mal respirava, procurei fazer alguma intervenção, mas foi em vão. Mônica não me ouvia. Precisava contar-me sua história, pois era uma história difícil de ser relatada e muito dolorida. Tinha que ser daquela forma, em jatos, como se vomitasse. Então, procurei acolher seus sentimentos. (Entretanto, parecia que, diante de tanto sofrimento, eu também precisava acolher-me a mim mesma... somente depois que entendi o porquê).

Casiei-me aos dezoito anos, grávida de minha primeira filha. Um pouco antes de me casar, apareceu uma mulher na porta de minha casa, dizendo que estava grávida, de meu futuro marido. Usava uma linguagem acanhada, com palavras obscenas. Naquele momento sofri muito, mas Pedro procurou convencer-me que não era verdade, levando um amigo seu para confirmar-me que aquela mulher era uma desqualificada e não merecia créditos. Depois de alguns anos de casada descobri que meus filhos tinham uma meia-irmã, Mariana. Filha de Pedro e daquela mulher. Hoje ela nos visita com frequência, na realidade faz parte de nossa família. Mas, minha dor começou naquela época.

Após 7 meses de casada, nossa filha Lucia estava para nascer, quando um irmão de meu marido foi assassinado, em uma briga de bar. Após, esse fato doloroso, a família de meu marido, jurou vingança. Pedi muito para Pedro que apaziguasse os ânimos de seus irmãos e pais, pois teríamos uma filha e ela não deveria nascer com essa mancha negra. Percebi que Pedro estava obstinado pela ideia de “olho por olho, dente por dente”.

Comecei a odiá-lo por isso. Eu o farejava, o percebia de longe, só pelo modo de abrir a fechadura de casa e empurrar a porta ao chegar. Dormindo ele rangia os dentes. Acordado ele arrumava seus papéis tremendo de raiva. A caminho do trabalho pensava no assassino de seu irmão, que em breve seria um defunto.

Ouvia a conversa com seus irmãos e o plano para “eliminar o assassino”. Engrolava a fala, seu corpo parecia estreitar-se e ficava corcunda. Seus dentes se mostravam num sorriso parado.

Sentia-me abandonada, com uma barriga de nove meses, prestes a dar a luz. Enchia-me de ferocidade. Tinha vontade de gritar. Mas amedrontada não conseguia dizer nada.

Mônica estava confusa. Às vezes, entrava em contato com um profundo sentimento de ódio, sentindo-se abandonada, ressentida, ao mesmo tempo sentia-se culpada. Estava preenchida por objetos maus que a abandonaram como o pai, a mãe – viúva, sem nenhuma atitude de ajuda e acolhimento.

A vida é estranha, continuou Mônica. Se alguém me dissesse que aos trinta anos teria uma cicatriz descomunal atravessando o peito, eu não acreditaria. Mas, a história não para por aqui! Assim que minha filha nasceu, ainda de quarentena, num dia de tenebroso inverno, o assassinato ocorreu. Meu marido e seus irmãos mataram a queima roupa o sujeito que praticara o mesmo ato com meu falecido cunhado. Mataram de forma premeditada, não foi uma briga de bar com pinga e tudo como ocorrera antes. Foi hediondo. Entraram na casa do sujeito que estava com a mulher e os filhos vendo televisão e ali mesmo o apagaram. Depois, fugiram para não serem pegos em flagrante. Mas o meu marido foi o mais responsabilizado, pois ele empunhava a arma e foi quem atirou.

Foi um período muito difícil. Eu via meu marido as escondidas, quando ele passava por nossa casa algumas vezes, à noite. Foram dois anos de sofrimento. Quando a justiça deu a sentença ele teve a pena diminuída pela primariedade. Nessa época eu estava esperando nossa segunda filha.

Era tanto o sofrimento que Mônica parecia estar desconectada, cindida. Narrava sua história como se estivesse me contando algo muito cruel, mas estranha a si mesma. Não revelava nenhum desejo de sair dessa situação. Contava-me a fábula do “Barba – Azul”, e de suas vítimas passivamente...

Pedro ficou preso por dois anos. Conheceu nossa filha na prisão.

Ao sair da prisão não reconhecia mais meu marido. Era rude, sem emoção, com muita raiva e muito violento. Quando ele estava por perto o ar faltava em meu peito. Tinha dificuldade para respirar. Ele sufocava minha atmos-

fera absolutamente abafada. Eu ficava dias e dias, trancada dentro de casa, cuidando de meus filhos. Sem ter coragem de ver um vizinho. E, por algum tempo, tirava de minha cabeça o episódio corrido naquele dia de inverno. Mas, minha cabeça acabava sempre voltando para o beco sem saída. Às vezes, ao anoitecer, saía de casa para caminhar. Subia em um viaduto, e com os olhos colados na cerca de concreto, contava os carros que passavam. Outras vezes acompanhava os carros até desaparecerem suas luzes traseiras. Minha vida era como um rio. Seguia seu curso sem pensar no passado. Sem fantasmas, nem recordações.

Às vezes, Mônica parecia tomada pela pulsão de morte, entregue ao destino de seu marido. Outras vezes, parecia que lutava pela vida, desejava sair do beco em que se encontrava. Sentia-se rasgada por dentro, pois vivenciara dois assassinatos em consonância com duas gestações, de suas duas filhas. Tristeza intensa e alegria – sentimentos contraditórios vividos ao mesmo tempo.

Depois de algum tempo, acostumei-me com as novas feições e atitudes de Pedro. Ele insistia que tivéssemos outro filho, pois ele queria um menino. Meus sogros e cunhados também fizeram um coro, reforçando o desejo de Pedro. Chegaram a me dizer que se eu não tivesse um filho, meu marido teria com outra. Foi assim que veio nosso terceiro filho, o varão que Pedro desejava. Filho imposto, que ela não teve condições de impedir.

Mas, minha história não para por aí.

Hoje meu marido trabalha no mesmo ofício que trabalhava o sujeito que ele assassinou. E eu temo por isso. E um trabalho ilícito. E sei que em um ou outro momento ele poderá voltar para a prisão. Sinto-me muito aflita, pois Pedro não ouve meus conselhos. Não considera nossa família da maneira que deveria. Se eu insisto em falar do risco que ele corre com esse trabalho que não é nada convencional ele me agride fisicamente. Agride a mim e aos filhos.

Eu e Mônica nos encontramos por um mês. Percebi que era mesmo um “beco sem saída”, sem saída para a dupla analítica. Não poderia trabalhar para que ela fortalecesse seu ego e decidisse por alguma mudança, pois tanto ela quanto eu poderíamos nos tornar vítimas sacrificiais. Argumentei que seu caso, naquele momento, não demandava psicoterapia, mas outro tipo de ajuda. Sugeri que procurasse a ajuda de um advogado.

Encerrado nosso contrato ela me telefonou duas vezes, na última vez deixou recado com a secretária para

que eu entrasse em contato com ela. A questão é que ela não poderia separar-se de Pedro, ele a mataria.

### Uma reflexão

Refletindo sobre o caso de Mônica ela não tinha saída, pois se tentasse separar-se corria o risco de morte. Ficar nessa situação representava conviver com o assassino e morrer aos poucos, todos os dias. Foi dessa maneira que descobri porque eu tinha a necessidade de acolher a ela e a mim mesma. Era uma questão que me tolhia a possibilidade de ajuda. Sua história me chamou para o princípio de realidade, não se tratava de contratransferência, mas de coerência.

Mônica expressava-se de forma clara, mas parecia não conseguir dar sentido as suas vivências. Tinha dúvidas de que conseguiria conduzir sua própria vida. Relatava os fatos como se fossem impostos a ela por uma realidade externa sobre a qual não tinha controle, apresentando-se como sujeito passivo, num beco.

Na sua fala vinha um turbilhão interno, um caos. Tomada pela loucura de seu marido, não conseguia dar sentido a esses fatos de maneira que fosse possível discernir o que sentia em relação a Pedro. Envolvia-se com as expectativas dos outros, como o caso do 3º. Filho. Mônica tinha uma atitude descompromissada com aquilo que vivia. Talvez fosse necessária essa negação para que ela pudesse sobreviver, pois não mencionou nenhuma vez o prejuízo que aquela vida poderia causar a ela e aos seus filhos expostos a esse ambiente doméstico.

Penso nas consequências para seus filhos vivenciando esses conflitos violentos cujas cenas, certamente, presenciaram, e que poderiam provocar ao longo do desenvolvimento maior suscetibilidade a problemas sociais, emocionais, cognitivos.

Em suma: Qual a possibilidade de contribuir para modificar essa situação? Diante dessa realidade, eu também optei por “abandonar Mônica”, embora a tenha acolhido com muito carinho e respeito por sua dor.

Num beco sem saída não se tem para onde correr, é o fim do caminho. A dupla casal fragmentou-se, a dupla analítica não pode mais se constituir nem continuar.

### Referências

- Freud, S. (1920). Más Allá Del Principio Del Prazer. In Freud, S. (1981). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. III, pp 2507 – 2541). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1937) – “Análises Terminables e Interminables” In Freud, S. (1981). *Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. (Vol. III, pp 3339 – 3364). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Joseph, B. (1982). O Vício pela quase-morte. In: Feldman, M. & Spillius, E.B. (1992). *Equilíbrio Psíquico e Mudança Psíquica: Artigos selecionados de Betty Joseph*. (Barros, E.M.R., trad.). Rio de Janeiro: Imago.
- Klein, M. (1946). Notas sobre alguns mecanismos esquizóides. In Klein, M. (1991). *Inveja e Gratidão e outros trabalhos: 1946-1963*. (Barros, E.M.R. & Chaves, L.P., trans.) Rio de Janeiro: Imago.
- Ogden, T. (1996). O Terceiro Analítico: Trabalhando com fatos clínicos intersubjetivos. In Ogden, T. *O subjetivo da Psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

---

Recebido pela Comissão Editorial em 28/2/07 e aprovado para publicação em 26/7/07.